

“CONSELHO DE CLASSE”: SUBJETIVAÇÃO E NORMALIZAÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR

Raquel Tiemi Masuda Mareco³

André William Alves de Assis⁴

RESUMO: No contexto midiático da produção de sujeitos e sentidos, o professor vem sendo tema recorrente devido à situação precária da educação no Brasil. Visando incentivar essa classe de profissionais, o governo, a mídia e algumas instituições privadas investem em propagandas que tentam construir imagens positivas desse sujeito. Dentre a enorme gama de opções de objetos da mídia que produzem identidades para o sujeito professor, elegemos, para este estudo, o *Conselho de Classe*, um quadro exibido no *Fantástico: o show da vida*, cuja proposta é acompanhar a rotina de quatro professores de uma escola pública do Rio de Janeiro. Diante desse arquivo, nos embasamos nos estudos do filósofo Michel Foucault para investigar como se dá o processo de subjetivação do sujeito professor. O referido quadro é composto de seis episódios de aproximadamente dez minutos cada. Esses episódios foram gravados em arquivo audiovisual e transcritos. Posteriormente, recortamos algumas sequências para nossa análise. Por meio dessas sequências, observamos que o processo de normalização, que homogeneiza o sujeito, constrói uma imagem de um professor ideal, hierarquizando os professores participantes a partir desse sujeito modelo, influenciando o telespectador a respeito do que é um bom professor.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Normalização. Identidade.

ABSTRACT: In the context of media production of subjects and directions, the teacher has been a recurring theme because of the precarious situation of Brazilian education. To encourage this class of professionals, government, media and private institutions invest in advertisements that try to build positive images of this subject. Among the huge range of options for media objects that produce identities for the teacher, we chose, for this study, the *Conselho de Classe*, a series of report displayed on the *Fantástico: o show da vida*, whose purpose is to follow the routine of four teachers from a public school in Rio de Janeiro. Faced with this file, we based on the studies of the philosopher Michel Foucault to investigate how the process of subjectification of the subject teacher. This series consists of six episodes with approximately ten minutes each. These episodes were recorded and transcribed in audiovisual file. Later, we cut some sequences in order to make our analysis. Through these sequences, we found that the normalization process, which homogenizes the subject, constructs an image of an ideal teacher, ranking the participating teachers from this subject model, influencing the viewer about what is a good teacher.

KEYWORDS: Representation. Normalization. Identity.

Considerações iniciais

A educação no Brasil tem deixado muito a desejar nas últimas décadas. Os professores são mal remunerados, desvalorizados e atuam em condições de trabalho cada vez mais precárias, enfrentando a falta de materiais de trabalho, a indisciplina e o desinteresse dos alunos e dos pais.

Diante dessa realidade, poucos são os jovens egressos do ensino médio que querem ingressar em um curso de licenciatura, ou seja, a maioria deles não quer ser professor, como demonstram algumas pesquisas como a de Calvo (2011), cujos dados apontam que 55,6% dos

³ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: rachel.mareco@gmail.com

⁴ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: assis.awa@gmail.com

egressos dos egressos do ensino médio nunca pensaram em ser professores; 41,7% já pensaram algum dia e 2,7% responderam que talvez pensariam em ser professores.

Para evitar a escassez de professores num futuro próximo, o governo federal investe em programas de financiamento facilitado para os cursos de licenciatura e em propagandas televisivas de valorização do professor e incentivo à carreira docente. As faculdades e universidades privadas que oferecem esses cursos também investem em propagandas e eventos para atrair alunos. Nesse contexto midiático-publicitário, a mídia vai produzindo e veiculando imagens desse sujeito.

Dentre a enorme gama de opções de objetos da mídia que produzem identidades para o sujeito professor, elegemos, para este estudo, o *Conselho de Classe*, um quadro exibido na Revista Eletrônica *Fantástico: o show da vida*, cuja proposta era acompanhar a rotina de quatro professores de uma escola pública do Rio de Janeiro. Por meio dessas rotinas, a produção de seis episódios dessa série procurou demonstrar como esses professores driblavam as dificuldades do dia-a-dia dessa profissão. Tendo esse quadro como objeto de análise, pretendemos investigar como se deu o processo de subjetivação desse sujeito professor nessa produção midiática.

Para tentar responder a pergunta: “Como é produzido/subjetivado o sujeito professor no discurso apresentado no quadro Conselho de Classe do *Fantástico*?”, teremos como base teórico-metodológica os estudos de Michel Foucault. Segundo esse autor, os discursos instituem as regras, as normas, as prescrições em relação aos modos de ser, ou seja, são os discursos que constituem os sujeitos. O autor explica ainda que

[...] analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos do desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhe permite descobrir, no desejo, a verdade do seu ser (FOUCAULT, 1985, p. 11).

1 Metodologia

O *Conselho de Classe* foi um quadro exibido no *Fantástico: o show da vida*, composto de seis episódios de aproximadamente dez minutos cada. Esses episódios foram gravados em arquivo audiovisual e transcritos, visando à realização das análises. Posteriormente, recortamos algumas séries enunciativas utilizando como critério de escolha para esse trabalho aquelas que melhor transpareceram o trabalho da produção do sujeito professor e dos sentidos que o cercam, a fim de verificar as relações entre os elementos inseridos nessas séries e o modo como elas significam, constroem, produzem sentidos sobre o acontecimento. Em outros

termos, visamos compreender como o discurso constrói o sujeito professor no *Conselho de Classe*.

A base teórico-metodológica para nossas análises foram os estudos do filósofo Michel Foucault, visto que suas reflexões permitem tomar as noções de norma(tização) e de normalização como conceitos operatórios para pensar historicamente e circunscrever acontecimentos singulares – referentes à instituição escolar e ao sujeito professor.

Neste artigo, não separamos a teoria da análise. Tentamos promover uma articulação entre ambas, realizando o movimento/batimento entre elas, proposto pela análise do discurso, lançando mão da teoria concomitantemente ao movimento de análise de nosso *corpus*.

2 Percorso teórico-analítico

2.1 Conselho de Classe

Iniciamos nossa análise comentando brevemente sobre o título/nome do quadro, que também constrói sujeitos e sentidos. Conselho de classe, no contexto educacional, é uma reunião na qual participam professores, coordenadores e diretores, cujo objetivo é discutir problemas relacionados a avaliações, frequência, comportamento, etc., e decidir o futuro dos alunos⁵.

A escola selecionada pelo *Fantástico* foi a República do Peru, uma escola municipal do Rio de Janeiro, localizada no Meier, um bairro tradicional de classe média na zona norte carioca.

No primeiro dos seis episódios, exibido no dia 13 de novembro de 2011, o programa inicia apresentando os quatro professores participantes do quadro: Ernesto, Valter, Elaine e Erica. Essa introdução é feita com narração em *off* de Zeca Camargo (NOZ) e Renata Ceribelli (NOR); eles apresentam os participantes e mostram uma cena de cada um dos professores em sala de aula.

NOZ: Ernesto é super exigente.

NOR: Valter, hiperativo.

NOZ: Elaine, linha dura.

NOR: E Érica, está preocupada...

Podemos observar que para Ernesto, Valter e Elaine há adjetivos (sublinhados) que representam como esses professores podem ser vistos durante sua atuação em sala de aula. Os

⁵ Retomaremos essa discussão nas considerações finais.

adjetivos demonstram opiniões sobre pessoas, objetos, situações etc. e podem ser intensificados com o auxílio de quantificadores, como é o caso de Ernesto, que não é apenas exigente, mas “super exigente”. Portanto, esses adjetivos marcam o tipo de professor que esses participantes são. Entretanto, para Erica, não há adjetivo explícito que a represente, mas uma locução verbal que pode indicar mais como ela se sente (preocupada) em relação a seus alunos do que como ela age em sala de aula. Essa descrição/apresentação dos professores ocorre nos primeiros segundos do programa, ou seja, pode influenciar a opinião dos telespectadores sobre esses sujeitos que eles ainda nem conhecem, pois classificam, atribuem rótulos ao sujeito professor.

Com base nos estudos de Foucault (1985), observamos que essas relações de poder constituem as instituições e os sujeitos de forma geral, legitimando regras, normas e jeitos de ser. No decorrer dos episódios, as cenas recortadas e exibidas buscam justificar os adjetivos atribuídos aos professores do quadro, como veremos ao longo da análise.

Logo após essa apresentação, Patrícia Poeta (PP) e Zeca Camargo (ZC) falam no cenário do *Fantástico*:

PP: É... eles formam nosso Conselho de Classe, uma turma de professores que as câmeras do *Fantástico* está acompanhando aí, né Zeca? desde o começo do ano.

ZC: É verdade... um belo trabalho. E a partir de hoje você vai ver aqui, um trabalho difícil, mas recompensador desses profissionais que vivem para transmitir conhecimento a nossos jovens e crianças.

Antes do primeiro minuto dessa série, já está previsto que a profissão de professor é um trabalho árduo, mas que há recompensas, ou seja, a reportagem mostrará o lado bom e o lado difícil dessa profissão. No final do segundo episódio vemos que essa ideia vai se tornando frequente no decorrer da série.

NOR: Apesar das dificuldades, ser professor, ainda é o sonho de algumas crianças.

Marina (Aluna): Eu quero ser professora, porque conhecimento e estudo, a gente leva pra vida toda.

NOZ: Quer saber o lado bom? Vida de professor não é só sacrifício, não. E sabe o que os professores fazem quando estão longe dos alunos? Bagunça. Domingo que vem, aqui no *Fantástico*.

Além de tentar demonstrar que vale a pena ser professor, o *Fantástico* busca legitimar esse discurso com o depoimento de uma aluna que sonha em quer ser professora.

2.2 Apresentação dos professores

Nesta seção, apresentamos cada um dos participantes da série, cujas aulas foram filmadas durante o ano de 2011. Essa apresentação consiste em ilustrar as primeiras falas em relação a esses quatro professores (Elaine, Ernesto, Erica e Valter), incluindo falas deles mesmo, dos apresentadores do *Fantástico* e/ou de amigos, colegas, familiares e alunos.

Propositalmente, essa apresentação mais detalhada de cada professor foi colocada nesta seção, acompanhando a ordem de eventos do *Fantástico* em que esses profissionais foram primeiro rotulados e classificados para depois serem apresentados.

2.2.1 Elaine

Elaine leciona português para a turma do 6º ano. Apresentada pela série como linha dura, no primeiro episódio falou sobre sua infância, seu crescimento em um ambiente não alfabetizador e sem incentivo para os estudos. No segundo episódio, exibido no dia 20 de outubro de 2011, ela falou sobre sua atuação como professora:

Elaine: Tem um momento que um aluno ou outro vai te tirar do sério. Que ele vai fazer uma coisa que, em 23 anos, você ainda não viu. Para aquela situação ali, você não tá preparada. Então, se você não tá preparada para aquilo, você vai agir como ser humano normal diante daquilo. Eu sou muito incomodada com a bagunça, a desordem, a confusão... (Episódio 2)

2.2.2 Ernesto

É o professor de matemática do 6º ano. No segundo episódio, foi apresentado um pouco de sua vida pessoal e como professor.

NOR: Ernesto se casou há um ano e agora se divide entre a escola, as aulas particulares, a academia e a vida de casal.

Esposa de Ernesto: Eu tenho orgulho dele. Apesar de tudo, nunca ouvi ele acordar reclamando... ele está sempre feliz de estar indo dar aula. Então, assim, acho que, pelo pouco que eu conheço dele como professor, eu acho muito bonito o interesse que ele tem pelos alunos dele. (episódio 2)

Em comparação com as falas que representam Elaine, as que representam Ernesto trazem mais legitimidade, já que têm o testemunho de alguém próximo que convive com ele e que vê sua profissão e sua relação com ela de forma positiva.

2.2.3 Erica

Erica é bióloga e tem uma tarefa “multiplicada”. Ela dá aula de todas as matérias pra quem está atrasado e precisa fazer o sexto e o sétimo ano em uma turma chamada de projeto de aceleração. Na apresentação dessa professora, o *Fantástico* traz o depoimento da irmã:

NOZ: Erica também tem outro emprego. Pega 4 ônibus por dia e ainda mora com a família.

Irmã de Erica: A Erica é uma pessoa muito comunicativa, ela é muito amorosa, muito dedicada. Ela gosta muito do que ela faz. Eu acho isso *fantástico*, essa vocação dela. [...] Ela se envolve muito, ela chega, às vezes, muito, muito triste... ah... é porque meu aluno, ele não tem pai, não tem mãe... vou pegar pra passear no final de semana... Tem esse envolvimento bem pessoal. Definitivamente ela não desvincula a profissão dela, o trabalho dela como educadora, para ela, é bem abrangente. (episódio 2)

Vemos que o depoimento da irmã constrói um sujeito professor que se envolve afetivamente com os alunos, que não separa o pessoal do profissional, demonstrando ser esse um aspecto positivo de Erica.

Para o testemunho de seu trabalho em sala de aula, o *Fantástico* selecionou a fala de um aluno:

Matheus – aluno: Ela é como uma mãe pra gente, ela cuida da gente, se alguém bater na gente ela vai lá reclamar. (episódio 3)

Por ser o público-alvo, o “cliente” do professor, o aluno é aquele cujo *feedback* é o mais importante, pois se ele gosta das aulas, se ele gosta do professor, tem mais possibilidades de aprender com menos dificuldades. Entretanto, Matheus não fala sobre a profissional Erica, mas sobre suas atitudes como pessoa.

Em todos os episódios a imagem construída de Erica foi a de uma professora “mãezona”, protetora, que aposta no carinho, na amizade para conquistar os alunos.

2.2.4 Valter

O 6º ano tem Valter, o “hiperativo”, como professor de história. Já nos primeiros recortes de cenas das aulas de Valter, percebemos, pela disciplina e interação dos alunos em sala de aula, que se trataria do modelo de professor ideal do *Fantástico*.

NOZ: Valter dá aula em três escolas, é filho único e ainda não saiu da casa dos pais, que babam de orgulho do filho.

Pai de Valter: Eu tenho orgulho de ele ser professor. Acho que ele nasceu pra isso. Eu sei que ele gosta de criança, gosta de dar aula e adora estudar e ler.

Mãe de Valter: Ele é maravilhoso, em todos os aspectos. Maravilhoso. Eu só tenho orgulho. (episódio 2)

2.3 Como driblar os problemas da sala de aula?

Nesta seção apresentamos as sequências em que os participantes e apresentadores do *Fantástico* falam sobre como esses professores lidam com a indisciplina e com a falta de interesse dos alunos, visto que essa foi a pergunta central de toda a série.

NOP: A estratégia de Elaine é transformar os alunos mais agitados em monitores. (episódio 4)

NOP: Pra controlar a agitação da turma, Erica inventou um jogo, estilo banco imobiliário. Quem faz as tarefas ganha créditos e pode trocar por benefícios. O dinheiro de Erica é chamado de “merreca”. (episódio 4)

NOP: Ernesto tem uma aluna ótima em matemática, mas que gosta de fazer bagunça, é a Shelley. Para mantê-la quieta e ocupada, o professor seguiu a dica de Elaine e transformou Shelley em monitora. (episódio 4).

Shelley: eu me sentia, tipo assim, a mais bagunceira da sala, uma aluna comum. Só que agora que eu virei monitora, eu me sinto mais calma. E agora, eu tenho prazer de poder ajudar e poder tentar me esforçar mais do que eu já me esforçava antes. (episódio 4)

Elaine, Erica e Ernesto lançam mão de estratégias para conseguir a interação e a atenção dos alunos. Já Valter, por ser um “professor ideal”, seu próprio jeito de ser basta para conquistar a atenção dos alunos.

Natália – aluna: Ele brinca, faz graça, mas quando chega a hora dele explicar todo mundo fica quieto, parece um cemitério e no final ele faz uma palhaça e daí a aula fica mais legal. (episódio 4)

Ao falar de Valter, a aluna Natália fala sobre a atuação do profissional, discursivizando sobre sua desenvoltura e sua competência no controle da sala, demonstrando como o professor conquista a turma por seu jeito de ser.

NOP⁶: O segredo do sucesso?

Valter: humor, simpatia e uma palavra que é fundamental: carisma. O professor tem que ter carisma. Pra atingir esse público, ele precisa ser carismático. (episódio 4)

⁶ NOP – Narração em off de Patrícia Poeta.

A nenhum outro professor foi perguntado o segredo do sucesso. Essa pergunta pressupõe que Valter seja o professor que tenha mais sucesso entre os alunos, tanto que em certo momento do episódio 4 Patricia Poeta narra em *off*:

NOP: Tem professor. E tem professor *popstar*.

Essa sequência discursiva demonstra que Valter é colocado em outro patamar pelo *Fantástico*, hierarquizando-o como superior aos outros, já que tem professor, ou seja, comum, como a maioria, que precisa inventar estratégias de ensino para lidar com os problemas em sala de aula, e tem professor *popstar*, que é o caso de Valter. Além disso, a diretora da escola dá um depoimento sobre o desempenho desse professor.

Diretora: O professor Valter se mostrou, assim, um profissional com uma excelente qualidade de conhecimento e, eu disse pra ele já uma vez: “Você é o verdadeiro professor”! Porque a pessoa não basta querer ser professor, tem que ter o dom de ser professor. (episódio 4).

O cargo de diretora, hierarquicamente superior ao de professor legitima um rótulo sobre o sujeito professor, construindo uma identidade do “bom professor”, do “verdadeiro professor”, aquele que ama sua profissão, que tem o dom de ser professor, disseminando, assim, a crença⁷ de que o bom professor é aquele que é divertido, que conta piadas, que faz graça⁸. As crenças educacionais são ideias e convicções sobre educação que se revelam nas atitudes dos professores em sala de aula (RAYMOND; SANTOS, 1995). Com base nessas crenças, o professor e outros agentes escolares interpretam as ações dos alunos tanto para o sucesso quanto para o fracasso (PACHECO, 1995), como é o caso de Valter e da diretora.

Em relação os problemas de indisciplina e desinteresse enfrentados na escola, o *Fantástico* complementa:

NOP: Um dos trunfos de Valter é conhecer bem a rede pública de ensino, quase uma segunda mãe pra ele.

Valter: minha trajetória toda foi em escola pública. Ensino fundamental inteiro, ensino médio no CEFET, depois universidade também na UFF, mestrado também na UFF. Uma trajetória toda na educação pública. Sou filho da educação pública brasileira.

NOP: Um filho que foi criado nos métodos tradicionais de ensino e quer mudanças, dar um futuro diferente pras novas gerações pelo uso da tecnologia.

⁷ Optamos por chamar de crença porque este é um termo bastante utilizado na educação e nos estudos de linguística aplicada que abordam identidades e representações de professores, porém, na Análise do Discurso de Linha Francesa, podemos associá-la à memória.

⁸ Não sabemos se a diretora gravou depoimentos sobre os outros professores, pois o *Fantástico* só exibiu o depoimento dela sobre Valter.

Valter: Eu fico muito satisfeito de poder usar o Datashow, de poder exibir vídeos, de poder exibir *slideshows*, mapas, cartografia, esquemas explicativos. Isso facilita muito a minha dinâmica. (episódio 4).

Ao falar sobre sua trajetória escolar e acadêmica, em universidade federal, o mestrado, citado por ele legitima seu lugar como conhecedor, estudioso, pesquisador, ou seja, além de ter sucesso por seu carisma, tem também conhecimento acadêmico. A narração de Patrícia Poeta e, na sequência, a fala de Valter são complementos para a construção de uma imagem do professor brincalhão, mas estudioso e que domina o uso das novas tecnologias que contribuem para o aprendizado em sala de aula.

3 Discussão

Diante da situação negativa em que se encontra a educação brasileira, observamos que diversos discursos que circulam nas instituições midiáticas procuram um “bode expiatório”, um culpado por as coisas terem chegado à situação que estão hoje. Alguns culpam o sistema de governo, os governantes; outros culpam o poder concedido aos menores, desde o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); alguns culpam ainda as novas tecnologias que deixariam as crianças e adolescentes alienados... Mas, a maioria defende que o professor pode reverter essa situação, depositando nesse profissional uma enorme carga de responsabilidades que deveriam ser partilhadas com os alunos, pais e sociedade. Frente a essa vontade de verdade⁹ de que o professor tem todo esse poder de transformar a realidade atual da educação, a mídia exerce o papel de veicular um sujeito produzido, classificado, rotulado, na tentativa de homogeneizar, normalizar, normatizar o sujeito professor, visto que a ordem dos discursos midiáticos define quem pode falar e como se deve falar do professor.

Dessa forma, podemos reconhecer nessa série uma tentativa de normalizar o sujeito professor. Segundo Silva (2000, p. 83), “normalizar significa atribuir a uma identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa”. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. Em outras palavras, normalizar significa eleger uma identidade específica como parâmetro para a avaliação e hierarquização das outras identidades. É o que ocorre com Valter, que é posto hierarquicamente como “superior” aos outros professores, já que “tem o dom”, é o “verdadeiro professor”.

⁹ São mecanismos que separam os discursos que estão na ordem do verdadeiro de uma época.

No depoimento da irmã de Erica, ela disse que ser professora é a vocação de Erica. Observamos que, no caso de Valter, ele tem mais que uma vocação, ele tem o “dom” de ser professor, hierarquizando-o novamente acima de outros professores.

No último episódio da série, Zeca Camargo propôs um *feedback* aos professores. Eles assistiram aos vídeos que foram exibidos no *Fantástico* e deram opinião sobre eles. Elaine, a professora linha-dura, se defende em relação a essa imagem construída sobre ela.

Elaine: Alguns alunos que já foram meus aqui da escola, me procuraram dizendo que eu não sou essa linha-dura. Eu sou sempre muito enérgica com eles, porque eles são muito levados.

Devido à normalização de que o bom professor é aquele professor amigo, o brincalhão, o sarrista, a professora vê como negativa a fama de linha-dura, trocando a expressão por “enérgica” e trazendo vozes de outros (desconhecidos) para legitimar seu discurso.

Geralmente, os professores de português e matemática têm a fama de serem os mais rígidos, devido à responsabilidade dessas disciplinas e ao número de aulas semanais dispensadas a eles. No *Conselho de Classe* não é diferente, Elaine e Ernesto são, respectivamente, a linha-dura e o super exigente, adjetivos que na série são postos como negativos na relação professor-aluno-conteúdo, pois o “verdadeiro professor” é o brincalhão e amigo, que não exige, e sim conquista. Dessa forma, o espaço desses professores foi menor em relação ao de Erica e Valter, cujas imagens se encaixam melhor com o professor que o programa quis veicular como “bom” por ter vocação, “exemplar”, por ter o dom.

Erica, a professora carinhosa, que chama os alunos de “meus amores”, “meu chuchu” traz a memória do feminino, do delicado, da mãe zelosa, mostrando que, dessa forma, ela conquista seus alunos, ou seja, ela age assim porque tem “vocação” para ser professora. Já Valter, que tem o “dom”, não precisa lançar mão de nenhum tipo de estratégia para conquistar seus alunos e esse sucesso é legitimado pelo discurso da diretora, dos pais dele, de uma aluna e dele mesmo.

A Elaine e Ernesto não foi atribuído nem vocação nem dom, o que os classifica hierarquicamente como inferiores ao modelo ideal de professor construído pelo *Fantástico*. Tanto pelas escolhas lexicais quanto pelas imagens construídas e atribuídas ao sujeito professor, observamos uma ordem de discursos (Foucault, 1995) que determina o que, como, onde (suporte) e quem está legitimado a falar sobre esses sujeitos. Na série analisada, os apresentadores, familiares, alunos, diretora e os próprios professores estão legitimados a falar

sobre esses sujeitos, demonstrando como deve agir um “bom professor” e quais as suas características.

Quanto à organização da instituição de ensino, a escola faz parte de um conjunto de normas institucionais, de práticas disciplinares de controle, já que, segundo Foucault (2002, p. 201) “nada pode existir como um elemento do conhecimento se, por um lado, não se conforma a uma série de regras e características constrangedoras [...], e, por outro, se não possui os efeitos da coerção”. Constrange para homogeneizar as multiplicidades, ao mesmo tempo em que individualiza, porque permite as distâncias entre os indivíduos, determina níveis, fixa especialidades e torna úteis as diferenças.

O conceito de norma é polêmico por que ressalta uma relação que não é de contradição nem de exterioridade, mas de inversão e polaridade entre o normal e o anormal, o que se pode e o que não se pode fazer.

Nas sequências analisadas vemos uma tentativa de normatizar o que um professor deve fazer para manter a disciplina e conquistar seus alunos, considerando a prática docente e os alunos como classes homogêneas que podem ser generalizadas e, portanto, se o professor agir como Valter ou Erica, terão sucesso, hierarquizando os professores participantes da série.

Considerações finais

Retomamos nosso comentário sobre o título/nome do programa. *Conselho de Classe*, uma reunião em que professores, coordenação e direção decidem a vida dos alunos, na série, o que acontece é quase o contrário. Os alunos e a diretora, por meio de depoimentos, vão construindo, no decorrer dos episódios, um sujeito professor ideal. Nesse caso, não podemos desconsiderar, é claro, o processo de edição do *Fantástico*. Podemos dizer, portanto, que o Conselho de Classe do *Fantástico* é uma reunião de alunos, direção e veículo de comunicação organizada para construir um sujeito professor.

Por fim, ao retomarmos nossa pergunta “Como é produzido/subjetivado o sujeito professor no discurso apresentado no quadro Conselho de Classe do *Fantástico*?”, observamos em nossa análise que o trabalho de produção do sujeito professor é feito, principalmente, pelo processo de normalização, que visa a homogeneizar os sujeitos, classificando-os, rotulando-os e hierarquizando-os. A série constrói a imagem de um professor exemplar e o coloca no topo da hierarquia, demonstrando que o sucesso do professor em sala de aula não depende de estratégias adotadas pelos professores, mas de seu “dom”, de seu carisma.

O processo de subjetivação produz um professor ideal (Valter) que tem o dom de ensinar, uma professora ideal (Erica) que tem vocação para o ensino, e professores com maiores dificuldades em sua prática docente (Elaine e Ernesto) por terem uma postura mais rígida e séria. Não podemos dizer que o *Fantástico* construiu uma imagem negativa para Elaine e Ernesto, entretanto, ao construir uma imagem positiva aos outros professores com atitudes completamente diferentes das deles, pode ser construída a imagem de um sujeito inadequado em sua prática, que não segue as normas de como ser um bom professor. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença: seguiu o modelo, é normal; não seguiu, está anormal.

Referências

- CALVO, L. C. S. A identidade profissional de professores e de professores de inglês: representações construídas por alunos do terceiro ano do ensino médio. In: REIS, S.; VEEN, K. V.; GIMENEZ, T. **Identities de professores de línguas**. Londrina: EDUEL, 2011, p. 141-183.
- FOUCAULT, Michel. **O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **A ordem do discurso**. Trad. Adalberto O. Souza. Maringá: EDUEM, 1995.
- _____. **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 26 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- PACHECO, A. **O pensamento e a acção do professor**. Porto: Porto Editora, 1995.
- RAYMOND, A. M.; SANTOS, V. Preservice elementary teachers and self-reflection: How innovation in mathematics teacher preparation challenges mathematics beliefs. **Journal of Teacher Education**, 1995, 46, 58-70.
- SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.